CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

CRISTIANE IAFRATE DA FONSECA SANTOS

RESUMO

Durante as narrativas, as crianças gradualmente percebem que seus temores e incertezas diminuem conforme são guiadas pelo educador a refletir sobre eles. Suas interações sociais se tornam menos conflituosas devido a momentos de diálogo e estabelecimento de acordos na sala de aula, como regras de convivência e respeito. O amor emerge por meio da consideração pelo próximo, ações altruístas e demonstrações de afeto. Dessa maneira, a criança vai percebendo que a amizade é uma conquista essencial em seu dia a dia. Os contos de fadas auxiliam as crianças a lidar com sentimentos de angústia e frustração. Por meio dessas histórias, elas começam a compreender que situações negativas podem ocorrer na vida de uma pessoa e que são transitórias, pois sempre há alguém benevolente ao seu lado, representado pela figura da fada, mãe, avó, tia ou até mesmo da professora, para ajudar a resolver problemas. Este artigo busca abordar reflexões sobre a narração de histórias e a importância de adentrar o universo infantil por meio dos contos de fadas.

PALAVRAS-CHAVE: Incertezas; Interações Sociais; Temores.

INTRODUÇÃO

Narrar uma história difere de ler uma história, e na escola ambos os métodos têm seu espaço. O contador recria o conto junto com seu público. Ele mantém certas partes do texto, porém o modifica de acordo com a interação que tem com os ouvintes. Por outro lado, o leitor empresta sua voz ao texto, respeitando a estrutura linguística da narrativa e as escolhas de palavras feitas pelo autor. Muitas vezes, a contação de histórias abre caminho para múltiplas interpretações do texto contado. Praticada em diversos estilos e em diferentes locais, seu papel na escola é essencial, pois desperta o interesse dos alunos e estimula o desejo de ler livros de literatura. Uma história é capaz de emocionar e surpreender o ouvinte por meio da forma como é contada. É sabido que as crianças vivenciam experiências significativas e duradouras na instituição escolar. A contação de histórias é uma dessas experiências que contribuem para manter o amor pela literatura além da infância. Portanto, é importante proporcionar às crianças oportunidades de ouvir diversas histórias, sejam elas lidas ou contadas de memória.

Qualquer professor pode se tornar um contador de histórias. No início, basta que ele leia diferentes tipos de histórias para os alunos. Com o tempo, ele se apropriará das narrativas e sentirá vontade de contar aquelas que mais gosta. Cada contador, com suas habilidades, encontrará sua própria maneira de contar histórias e dar vida a elas. Algumas sugestões são importantes para aqueles que desejam se aventurar na arte da narração: é recomendável fazer uma leitura minuciosa prévia do conto, buscando compreender seu significado mais profundo, ou seja, sua essência; também é interessante dividir o conto em cenas ou partes principais e identificar a estrutura narrativa; por fim, é bom conhecer bem os personagens e as situações que eles vivenciam ao longo da história.

OS CONTOS DE FADAS

O universo dos contos de fadas adquire um tom encantador somente quando se estabelece a distinção entre infância e vida adulta. "A concepção da infância surge no século XVIII, quando as residências são divididas em quartos, sala e cozinha, e as responsabilidades e interesses também passam a ser separados. É nesse momento que os contos passam a ter um final feliz e enfatizam a redenção", afirma Antônio Edmílson. Foi nessa época da história que surgiram Perrault, os irmãos Grimm e, posteriormente, Andersen. Eles não foram os primeiros a registrar as histórias do povo, mas foram os mais bem-sucedidos em adaptá-las ao gosto da nobreza e das crianças. Perrault, por exemplo, acrescentou comentários sobre os costumes e a moda da aristocracia em suas versões,

conferindo uma aura à nação francesa.
O que o escritor fez em sua obra "Contos da Mamãe Gansa", de 1697, foi, de certa forma, o mesmo que os contadores de histórias faziam nas aldeias: adaptaram um enredo comum à sua realidade, eliminando detalhes violentos ou de teor sexual e acrescentando uma "moral da história". A adaptação ao gosto do contador, aliás, é uma característica que atravessa os tempos.
Em um conto chinês do século IX, por exemplo, uma jovem chamada Yeh-Hsien é auxiliada por um peixe mágico, que lhe presenteia com chinelos de ouro para usar na festa da aldeia. No caminho de volta para casa, ela perde um dos chinelos, que acaba nas mãos do governante local. No desfecho, o líder apaixona-se pelos pés pequenos de Yeh-Hsien, de acordo com os costumes chineses de amarrar os pés das meninas para que não cresçam.
As diferenças culturais são evidentes, mas é possível reconhecer as origens de Cinderela nessa história. "Uma história contada oralmente pode ser adaptada à situação e aos ouvintes. Já um conto escrito tem sua forma fixa. No entanto, o que a escrita fixa, o leitor e o ouvinte reinterpretam, adaptando-o à sua própria experiência", afirma Marisa Lajolo. Assim, quem conta um conto sempre acrescenta algo, seja na China do século IX, na França do século XVIII ou nos dias atuais. A narrativa vai perdendo sua característica de saga local e se transforma em Contos de Fadas, como nos relata FRANZ:

Os Contos de Fadas são abstrações. São abstrações de uma saga local condensada, e cuja forma se cristalizou, o que permite ser mais facilmente contada e retida na memória, pois desta forma, toca mais diretamente as pessoas. (1981, p. 33)

Não se pode precisar onde se distingue o mito do conto folclórico. De acordo com BETTELHEIM (1979, p.34), apenas pode afirmar-se que ambos provêm de uma sociedade pré - literata.

Estes contos fornecem percepções profundas que sustentaram a humanidade através das longas vicissitudes de sua existência, uma herança que não é transmitida sob qualquer outra forma tão simples e diretamente, ou de modo tão acessível, às crianças. (Bettelheim, 1979, p. 34)

Desse modo, ao explorarmos as Fábulas Encantadas, somos capazes de identificar os dilemas que ocupavam as mentes de nossos predecessores. As vivências e experiências que moldaram a humanidade nos foram transmitidas por intermédio das narrativas presentes nas histórias, utilizando uma linguagem acessível que atribui significados atemporais.
Segundo as palavras de Corso (2006, p. 29):

A transformação dos contos de fadas em relatos bem comportados e menos grotescos não é absolutamente fruto de arroubos pedagógicos recentes. Por exemplo, já no início do século XIX, ao longo das sucessivas edições das compilações dos irmãos Grimm, é possível acompanhar o progressivo abrandamento das tramas e das personagens, como a transformação da mãe em madrasta.

De acordo com Coelho (1998), a obra mais renomada de Perrault recebeu o título de "As Narrativas da Matrona Gansa". Essa personagem (Mère l'Oye) era proveniente de antigas fábulas populares, extremamente conhecidas pelos franceses: sua incumbência consistia em relatar narrativas para seus filhotes encantados.

Com a publicação dos oitos Contos da Mãe Gansa, nascia a Literatura infantil, que hoje conhecemos como clássica. Pela primeira vez são publicados A Bela Adormecida no bosque, Chapeuzinho Vermelho, O Barba Azul, O Gato de Botas, As fadas, A Gata Borralheira, Henrique do Topete e O pequeno Polegar, todos eles são originários dos antiqüíssimos lais1 ou dos romances céltico-bretões e de narrativas originais indianas, que, com o tempo, transformações e fusões com textos de outras fontes, já haviam perdido seus significados originais. (COELHO, 1988, p.68)

Schneider e Torossian (2009) trazem-nos outras características encontradas nos contos de Andersen, que o consagram hoje como o pai da literatura infantil: "a literatura assinala três importantes vértices que tornam a obra de Andersen inédita: a criança retratada por meio de personagens, brinquedos que ganham vida e histórias nas quais o papel principal é ocupado por uma criança." (2009, p.137).
Coelho (1998, p.78) finaliza afirmando que: "Enfim, sente-se, em todos os contos de Andersen, o esforço de racionalização do imaginário, em benefício de um mundo real mais gratificante para todos os homens.".
Os antigos padrões autoritários, nos quais a criança é meramente receptora passiva de regras, devem ser substituídos por abordagens literárias emancipatórias, que conferem à criança um papel ativo e buscam desenvolver e estimular sua capacidade crítica, a fim de transformá-la em um agente de mudança.
A literatura leva a criança a questionar sua condição no mundo, uma vez que a consciência do mundo surge quando ela estabelece uma conexão com o livro e, a partir dessa interação, constrói um significado para sua própria realidade. É importante destacar, no entanto, que, no contexto da literatura infantil, essa mediação entre o leitor e o livro pode ser realizada por um adulto leitor.

Daí a importância que se atribui, hoje, à orientação a ser dada às crianças, no sentido de que ludicamente, sem tensões ou traumatismos, elas consigam estabelecer relações fecundas entre o universo literário e seu mundo interior, para que se forme, assim, uma consciência que facilite ou amplie suas relações com o universo real que ela está descobrindo dia-a-dia e onde ela precisa aprender a se situar com segurança, para nele poder agir. (COELHO, 1987, p. 29)

Muitos autores, ao escrever sobre a imaginação, buscam defini-la em conceitos. Para Girardello (2011, p.76), a "imaginação é para criança um espaço de liberdade e de decolagem em direção ao possível, quer realizável ou não".
Todas essas variedades de narrativas fazem parte dos relatos originados entre os povos da Antiguidade, que se entrelaçaram, se mesclaram e se transformaram, espalhando-se por todos os lugares e perdurando até os dias atuais como uma teia.
De acordo com Turchi (2009, p. 14):

No panorama atual, um levantamento da produção literária para crianças aponta para uma retomada dos clássicos universais, dos clássicos brasileiros, dos contos de fadas, de histórias exemplares, de narrativas das mitologias grega, africana, indígena, entre outras. Além da publicação em nova edição, bem cuidada, com os avanços dos recursos disponíveis nas artes gráficas, há também a revisitação dessas antigas histórias numa direção da paródia ou da desconstrução pelo humor ou pela crítica dos valores ou paradigmas sociais. Essas formas e temas literários revitalizados trazem como marca estética a presença de dados da contemporaneidade na caracterização do tempo, do espaço e dos conflitos.

Portanto, atualmente a literatura preserva seus elementos da narrativa dos contos de fadas, mostrando uma preocupação com os problemas da vida cotidiana por meio dos livros, que são adaptados às necessidades sociais.

A IMPORTÂNCIA DE CONTAR E ESCUTAR UMA HISTÓRIA

De acordo com as ideias de Freud (citado por Fromm, 1962), todo sonho é uma expressão significativa da vida interna e sua interpretação é o caminho para compreender o inconsciente. Freud (citado por Fromm, 1962:17) observou que os sonhos não são diferentes dos mitos e contos de fadas, sendo um fenômeno humano universal. Em uma história, a sequência de eventos representa a experiência interna do herói - a história subjacente - por meio de uma linguagem simbólica.
Silva (2009, p.34) afirma que:

Seu papel é levar o ouvinte a tornar-se leitor, por isso, além de proporcionar-lhe um entretenimento na hora da contação, presta-lhe também informações sobre o livro onde a história se encontra, o nome de seu autor,

a editora que o publicou. [...] O contador é antes de tudo um leitor privilegiado, que cumpre seu papel ativo: faz leituras prévias, seleciona textos, informa-se sobre o autor, observa a ilustração do livro, memoriza o texto, interpreta suas intenções para transformá-las em modulações de voz e gestos.

Quando as crianças leem ou ouvem histórias, entram em contato com seu material inconsciente ou subjacente, pois ao se identificarem com os personagens, podem avaliar as situações de forma mais objetiva. Dessa forma, ao entrar em contato com os processos internos e se identificar com os personagens, os contos permitem que a criança se veja "de fora" da situação, com uma perspectiva mais distanciada, o que facilita a percepção do problema apresentado e das sugestões para sua solução.
A partir dessa compreensão do papel do narrador, torna-se mais acessível compreender os protagonistas, as jornadas a locais distantes e tão próximos à realidade, a sensação do aspecto lúdico presente nas brincadeiras com as palavras de um poema, o afeto presente nas essências das histórias ouvidas, lidas e contadas, auxiliando as crianças a compreenderem o mundo interno e externo a elas. Em outras palavras, é o início de um processo encantador, proporcionado pela alegria e pelo prazer de ler textos literários.
Dessa forma, compreende-se que oferecer uma narrativa a uma criança é permitir que sua imaginação desperte, possibilitando que as mais diversas e profundas relações de expressividade e sensações deixem uma marca duradoura na memória desse ser repleto de afetividade, capaz de experimentar uma liberdade lúdica. Nessa fase da vida, a essência mais significativa está ligada às brincadeiras, aos sonhos e à felicidade que representam a vivência de uma infância enriquecida por diferentes leituras.

Corremos aceleradamente contra o tempo e, apesar de estarmos desfrutando de tantos meios de comunicação – com inúmeras informações circulando rapidamente por intermédio da TV, do rádio, da internet, entre outros -, parece que, infelizmente, não mais nos comunicamos. Deixamos de ouvir o outro, de nos emocionar com suas histórias, de compartilhar experiências e idéias. Perdemos a nossa voz, a palavra pulsante, corpórea e significativa que brotava vida do interior. Com a criança não é diferente. Ela “recebe” informações de diversas fontes e o tempo todo encontra-se imersa nessa teia complexa de relações e, muitas vezes, é impossibilitada de ouvir, expressar-se ou contar sobre suas experiências cotidianas e de viver suas histórias. Estamos também deixando de olhá-la, de ouvir seu apelo, sua voz e, até mesmo, de narrar-lhe nossas histórias. A palavra oral, tão fundamental para o seu desenvolvimento e construção do ser psicológico social e cultural, é infelizmente pouco explorada nas famílias, nas escolas e nos vários lugares que ele frequenta. (NICOLAU E DIAS, 2003, p. 96).

Dessa forma, é essencial introduzir as crianças às narrativas desde cedo, visando formar leitores de textos literários. É importante oferecer diversas oportunidades de leituras literárias para que, além de conhecerem, sintam entusiasmo e desenvolvam um gosto pela leitura, baseado nas referências que receberam. Além disso, é crucial facilitar o acesso da criança à leitura de textos literários, de modo que ela se sinta livre para explorar um universo sem que isso seja imposto ou obrigatório. Nessa perspectiva, Machado afirma que:

Ninguém tem que ser obrigado a ler nada. Ler é um direito de cada cidadão, não é um dever. É alimento de espírito. Igualzinho a comida. Todo mundo deve ter a sua disposição e boa qualidade, variada, em quantidades que saciem a fome. Mas é um absurdo impingir um prato cheio de comida pela goela abaixo de qualquer pessoa. Mesmo que se ache que o enche aquele prato é a iguaria mais deliciosa do mundo. (MACHADO 2002, p. 15).

No entanto, é importante lembrar que ao analisar os significados dos contos, pode haver uma ênfase exagerada em alguns aspectos que não existem em relatos mais antigos.
As histórias podem ajudar as crianças a ela-

borar e superar dificuldades psicológicas complexas, pois oferecem possibilidades de construir uma conexão entre o inconsciente e a realidade. Cada história possui uma linguagem simbólica que se comunica diretamente com o inconsciente, mesmo que a criança não expresse sua compreensão da mensagem contida na história, isso não significa que ela não tenha assimilado.

Ler um conto de fadas para uma criança, ou permitir que ela o leia sozinha, é importante para auxiliar no desenvolvimento da imaginação e da fantasia. Esses elementos são fundamentais para o mundo infantil, pois atuam como mediadores entre a criança e a realidade, ajudando na resolução de conflitos e na formação da personalidade por meio dos simbolismos representados pelos personagens.

As Narrativas e os Contos preservam a estrutura onírica, com deslocamento e simbolismo. Dessa maneira, pode-se afirmar que contar e ouvir histórias estimula a capacidade de sonhar e, acima de tudo, o desejo de narrar sonhos, indicativos de uma vida imaginativa mais rica.

Observa-se que quando a criança ou mesmo o adulto lê ou escuta uma narrativa, vivencia experiências diversas e inicia um processo de imaginação, estabelecendo um diálogo entre a história e sua realidade.

As narrativas e os contos de fadas contribuem para o processo de ensino-aprendizagem, e a cultura brasileira é amplamente influenciada por eles.

Os contos de fadas nos fornecem informações sobre tempos passados, nos quais podemos perceber estilos de vida variados, criações e muito mais, transmitindo conhecimento de geração em geração.

A inclusão de elementos mágicos, personagens em busca de tesouros, heróis com habilidades diversas e outros aspectos desperta a curiosidade da criança pelo mundo literário, indo além de uma simples narrativa e trabalhando os aspectos emocionais de cada indivíduo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A contação de histórias na educação infantil desempenha um papel fundamental no desenvolvimento das crianças. É uma prática milenar que transcende culturas e gerações, encantando e envolvendo os pequenos em uma atmosfera mágica de imaginação e aprendizado.

Ao contar histórias para as crianças, os educadores proporcionam um momento único de conexão emocional e estímulo à criatividade. As histórias despertam a curiosidade, aguçam a imaginação e transportam os pequenos para universos fantásticos, onde podem explorar diferentes cenários, personagens e situações.

Além de entreter, a contação de histórias na educação infantil desempenha um papel educativo e formativo. Através das narrativas, as crianças aprendem sobre valores, ética, respeito, empatia e resolução de problemas. Elas se identificam com os personagens e se envolvem emocionalmente com suas jornadas, absorvendo lições importantes para sua formação.

Ao ouvirem diferentes narrativas, elas são expostas a uma variedade de palavras, expressões e estruturas linguísticas, enriquecendo seu repertório e estimulando a comunicação oral e escrita.

A contação de histórias também desperta o gosto pela leitura. Ao entrarem em contato com diferentes gêneros literários desde cedo, as crianças desenvolvem o hábito de ler e se tornam leitores assíduos no futuro. A imaginação e a fantasia presentes nas histórias despertam o interesse pela literatura e abrem as portas para um mundo de conhecimento e imaginação.

Além disso, a contação de histórias na educação infantil proporciona momentos de relaxamento e diversão. As crianças se sentem acolhidas e envolvidas pelo ambiente mágico criado pelo contador de histórias, onde podem se desligar das preocupações do dia a dia e se transportar para universos encantados.

Os educadores desempenham um papel fundamental na contação de histórias, pois são eles que selecionam as narrativas adequadas para cada faixa etária, adaptam a linguagem, exploram entonações e expressões faciais, tornando a experiência ainda mais cativante e envolvente.

Em suma, a contação de histórias na educação infantil é uma ferramenta poderosa para

o desenvolvimento integral das crianças. Ela estimula a imaginação, promove o aprendizado, fortalece os laços sociais, incentiva a leitura e proporciona momentos de alegria e encantamento. É um recurso valioso que deve ser explorado e valorizado em todas as instituições de ensino, pois contribui para a formação de indivíduos criativos, críticos e apaixonados pela arte da narrativa.

REFERÊNCIAS

BETTELHEIM, Bruno. A psicanálise dos contos de fada. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

CORSO, D. L.; CORSO, M. Fadas no Divã: psicanálise nas Histórias infantis. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DIAS, Ana Flávia Araújo. A importância dos contos de fadas no desenvolvimento infantil. Revista Pátio Educação Infantil. São Paulo, ano III, n.7, maio/junho 2005.

FRANZ, Marie-Louise Von. A interpretação dos contos de fada: Uma introdução à psicologia dos contos de fadas. Rio de Janeiro: Achiamé, 1981.

KUPSTAS Márcia. et al. Sete faces do conto de fadas. São Paulo: Moderna, 1993.

MACHADO, Ana Maria. Como e por que ler os clássicos universais desde cedo. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

MIRANDA Marília Gouvêa. O processo de socialização da escola: A evolução da condição social da criança. In: Psicologia social: O homem em movimento. LANE SILVA, T. M. São Paulo: Brasiliense, 1987.

NICOLAU, Marieta Lúcia Machado Nicolau e DIAS, Marina Célia Moraes (2003). Oficinas de sonho e realidade na formação do educador de infância. Campinas: Papirus.
SILVA, Ezequiel Theodoro da. Leitura e Realidade Brasileira. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

ZILBERMAN, Regina. A literatura infantil na escola. São Paulo: Global, 2003.